



**Não existem caminhos;  
os caminhos se fazem ao andar...**

**o conceber,  
o nascer,  
o permanecer.**

Caminhar pela existência se faz em parceria.  
Nenhum passo é isolado e sem propósito.  
Caminhamos ao lado do outro, junto com o outro, trocando com o outro  
as experiências vividas.  
E o caminhar se desdobra em caminhos e deixa rastros,  
e mostra que de cada passo se faz um andar novo  
e se abre um novo caminho...

Neiva Coelho Paim

## INTRODUÇÃO

Três atos são fundamentais ao ser humano: a concepção, o nascimento e a permanência na vida. Dos três, não saberia dizer qual é o mais importante, qual seria o mais belo, ao qual daria maior valor. Os três possuem uma simbiose perfeita e na ordem de sua evolução, um fica dependente do outro. O nascimento, para se efetuar, depende da concepção, daquele momento sublime em que um espermatozóide une-se a um óvulo e deixam de ser um e outro, para serem um novo ser, com suas características próprias, sua unidade inconfundível, sua capacidade de *vir a ser* única e intransferível. Permanecer na vida depende do nascer, do primeiro olhar sobre o mundo, da primeira abertura dos sentidos, para que penetre, para que se infiltre pelos poros toda a beleza do universo. E viver é sentir o sabor de todas as coisas pela boca da alma, com os sentimentos do coração e a sabedoria contida na curiosidade dos caminhos percorridos.

Não posso intervir na concepção, nem no nascimento. Não são minhas áreas, embora eu poetize eles a cada olhar de nossas crianças, no PROEPRE. Mas... eu posso intervir na permanência na vida e isto me deslumbra, me apaixona, transcende minhas expectativas de *ser* e *poder*. E eu busco, eu procuro, eu mexo nos baús da existência e tiro de lá, tudo que pode me ajudar, tudo que pode ser recriado, tudo que pode ser reciclado e reinvestido em cada pequeno olhar, em cada peculiar gesto, em cada trôpego passo.

E eles me respondem. Me respondem com ações cada vez mais consistentes, mais complexas, mais desafiadoras. E me lançam em novas buscas, em novas descobertas, em novas invenções. Eu não consigo parar! E nesta caminhada, carrego junto comigo muitos outros curiosos, que se contaminam com a alegria de perceber quão importante somos na permanência na vida e que bonita é a nossa intervenção ensinando a viver, ensinando a abrir caminhos, a perceber-se, a sentir o som do universo, a ser gente, única e especial.

Às crianças eu dedico este trabalho. Não aquelas que já passaram por mim e me transbordaram de euforia. A estas, eu agradeço. Dedico às crianças que eu nunca vi, e que estão no meio de vocês, no embo de suas canções, no perfume de seus corpos, no toque de seus olhares. À elas, meu carinho especial, porque delas eu nunca terei notícias, mas sei que vocês vão intervir com a mesma garra que eu, para ajudá-las a permanecerem vivas através de suas próprias ações.

*Neiva Paim / setembro-98*

## CHEGADA

São 36 – 38 semanas de doce aconchego. Lá dentro é tudo muito especial! Os movimentos são um bailado em perfeita sincronia, num espaço demarcado e limitado por delicados sons, ritmo aquoso, penumbra envolvente e uma enorme sensação de paz e amor.

Não importa a forma como se desencadeou o ato inicial. Agora, ele está lá. E se multiplica, e cresce, e se transforma, e se constrói... E vai se formando e evoluindo, numa metamorfose cadenciada pelas leis da natureza.

E um belo dia está pronto. Rompe as barreiras, rasga as entranhas, abre o caminho. Nasce! Não é mais só sentido, está ali! É palpável! Tem massa, tem som, tem cor, tem forma, tem cheiro, tem gosto! É algo que, como homem ou mulher, não importa, é considerado a continuação de cada um de nós; a combinação certa que define um novo indivíduo. Não o pai, nem a mãe; mas contendo características de ambos, herdadas pelo pareamento genético de 23 cromossomos. Mas é único! Distinto de todos os demais, embora semelhante a eles em todos os aspectos. Incrível!

E nesta chegada ao mundo externo, um grande esforço lhe é exigido. O espaço é enorme, ora frio, ora quente, cheio de barulhos e coisas que se movem em ritmos diferentes, com luzes de mil matizes, que nem sempre dão tranquilidade. E nós estamos ali, a “fazer o meio de campo” propiciando que estas primeiras interações com o mundo sejam o menos dolorosas possíveis. E não é fácil!

Os primeiros meses de vida é assegurado à família. Com a Licença Maternidade de 4 meses, o bebê tem a garantia de permanecer este tempo no calor e aconchego de seu lar. Com raras exceções, é claro! E a família, empiricamente ou com um certo conhecimento científico de como se desenvolve uma criança, consegue fazer os primeiros contatos do bebê com o mundo. Há um sentido latente, que alguns gostam de nomear de “sentido materno”, que impulsiona a mãe e seu bebê nesta evolução. E, a margem de erros é mínima!

A primeira comunicação que o bebê faz com o mundo é de amor. Ele sente se é amado pelo ritmo das batidas do coração de sua mãe, pelo cheiro de sua pele, pelo toque de suas mãos, pelo timbre de sua voz. Qualquer variação é percebida. Seus primeiros dias são todos de sensações. Ele mais sente do que age, pois seus movimentos são atos reflexos. Sua segunda comunicação com o mundo é o choro. Ele chora, quando as variações percebidas não lhe permitem identificação. E, continua chorando, quando o adulto não consegue interpretar esta comunicação.

Dos 0 aos 3 meses, o bebê se comunica basicamente através do corpo. A comunicação corporal, gestual, é o início de sua linguagem. É somente expressando-se por diversas maneiras não verbais, que os pequeninos entenderão a língua de sua cultura. O bebê possui muitas linguagens: uma linguagem musical, que dá ritmo e sonoriza todo seu corpo em movimento; uma linguagem plástica, que constrói este movimento no espaço, dando-lhe formas; uma linguagem matemática, que coordena os atos reflexos, transformando-os em esquemas motores. E, nestas comunicações, o bebê estabelece trocas com o meio, cuja evolução é fundamental observar.

A partir do reflexo de sucção, o bebê evolui do simples alimentar-se, às descobertas dos primeiros sabores, dos primeiros gostos, dos primeiros hábitos alimentares. A maneira de lhe oferecer a comida é muito importante. O chegar ao seio, o sugar e sentir a ansiedade satisfeita, os sons que perambulam à volta, as luzes e cores que dão o fundo e, principalmente, o ritmo dos dois corações que batem, são fundamentais... A forma de comer é outra linguagem não verbal, que expressa sentimentos recíprocos.

O mesmo cuidado que se deve ter ao “colocar o alimento para dentro do bebê” se prolonga ao se retirar seus produtos excretórios: trocá-lo ou remover o pruído dos olhos ou nariz. Todas as sensações se intensificam nestes momentos, e a imagem que ele começa a formar de si, fundamenta-se nas expressões faciais, na tonalidade da verbalização, no toque e na pulsação dos adultos que estão lidando com ele.

Da visão confusa dos primeiros dias, o bebê fixa o olhar em pontos significativos e evolui para o acompanhamento de seu deslocamento, em ângulos cada vez maiores e com movimentos mais precisos. Grasping – o reflexo arcaico de preensão palmar, evolui para uma preensão de contato, que ainda é involuntária e chega a preensão intencional, movida pelo desejo de pegar, provocado pela visão dos deslocamentos de objetos interessantes no espaço.

A partir dos reflexos inatos é que se desenvolvem as coordenações que darão origem às capacidades futuras. Coordenando diversos e cada vez mais complexos esquemas de ação, é que o bebê vai descobrindo suas possibilidades, vai explorando o mundo e estabelecendo trocas significativas.

As primeiras adaptações adquiridas se originam do exercício dos reflexos, é o aperfeiçoamento deles, sua coordenação em esquemas de ações. Adaptação é o processo pelo qual a criança acomoda seu comportamento às peculiares características dos objetos e do ambiente. Á cada adaptação “novos modos de agir” se originam e se transformam, se complexificam, se organizam e se coordenam.

Ao exercitar seus reflexos e organizá-los em esquemas de ação, a criança repete muitas vezes suas adaptações adquiridas, originando reações circulares, que são casuais, não há um propósito em fazê-las. As reações circulares são primárias, nestes primeiros momentos, porque o que chama a atenção da criança é alguma parte de seu corpo e não o que acontece com o objeto. A repetição de ações favorece o desenvolvimento, porque quanto mais se repete uma ação, mais se aprende sobre ela; ao repetir, a criança descobre casualmente novas possibilidades de ações e, ao descobrir novas possibilidades, ela aprende mais a distinguir uma ação da outra.

Todo este processo de descobrir o mundo a excita, lança uma dose excessiva de adrenalina no corpo, seu sistema nervoso é delicado e ela se cansa fácil. Cansadas não aprendem, excitadas não aprendem, não estabelecem com coerência as trocas necessárias. Uma das grandes preocupações com o bebê são seus momentos de descanso, tanto como os de alimentação. Um lugar tranquilo, horários respeitados, intervalos regulares, são fundamentais. O tempo que permanece dormindo é curto, mas deve compreender umas 12 horas diárias, no total.

O espaço para quando estiver desperto também é fundamental. Materiais que o estimule a formar esquemas de ação e coordená-los devem estar organizados. Não muita coisa de cada vez, mas à cada coisa uma importância significativa, um objetivo bem determinado, uma exploração bem definida. As crianças não atuam sozinhas. É preciso estar junto, ter “um olhar sobre”, verbalizar feito louca, ser um momento prazeroso... É preciso sempre pensar nas capacidades que ela já tem e naquelas que gostaríamos de desenvolver

## A INSTITUIÇÃO

Termina a Licença Maternidade e a busca por uma instituição que auxilie nos cuidados da criança é quase inevitável. Cada vez mais a sociedade exige que ambos, pai e mãe, exerçam uma profissão, a fim de manter o equilíbrio financeiro da família. E a escola é o recurso mais procurado atualmente, por ser um lugar organizado e com pessoal qualificado para este fim. Pelo menos em hipótese!

É preciso pensar bem neste dueto: mãe e educadora. Existe uma profunda relação entre elas. No entanto, todo cuidado é pouco para não misturar a atuação e os sentimentos de ambas. A mãe não é uma educadora por excelência, mesmo que o seja; e uma educadora não é mãe de seus alunos, mesmo que já o seja. Ser mãe é muito diferente de ser educadora e as crianças são capazes de estabelecer bem esta diferença, através de seu comportamento. Elas não agem com as educadoras com agem com suas mães e vice-versa. Seu comportamento fica totalmente (ou quase totalmente) alterado com a percepção da chegada da mãe (às vezes do pai).

Um bom relacionamento com a família é muito importante. Um pai ou uma mãe não sabem como evoluem as crianças e eles não tem obrigação de saber, mas os educadores sim. Há cursos para a formação de profissionais da educação, não há cursos para a formação de pais. No entanto, constranger os pais ao mostrar-lhes o quão pouco sabem sobre como desenvolve-se seu filho, pode ocasionar sérios transtornos. É preciso receber as famílias com uma atitude aberta e de grande respeito. É preciso dar muita atenção à todas suas colocações, mas deixarmos claro nosso papel de educadores e não substitutos de mãe.

Quando os pais deixam conosco uma criança de 4-5 meses, estão dando uma enorme prova de confiança. O período de adaptação requer muito cuidado. É preciso levar em conta que o espaço é novo, os adultos são desconhecidos, as outras crianças são uma incógnita e as demais famílias também. Os primeiros 15 dias servem para amenizar todos estes transtornos. Os pais devem permanecer dentro da escola até que sintam-se seguros e tranquilos para deixar seu bebê nela. E não é fácil. Só quem já passou por isto, pode imaginar os sentimentos que fervilham no coração, e o que se passa pela cabeça de cada pai e mãe durante sua ausência e distância do bebê. Pais tranquilos, segurança certa. A melhor maneira de que a família sintam-se segura, é fazê-la ter olhos para o que acontece na salinha de seu filho, e manter contato direto com quem cuidará dele. Todas as atividades subsequentes dependem deste momento.

Dar continuidade a pequenos hábitos familiares nestes primeiros momentos é muito importante. Maneira de comer e tipo de alimentação, jeitinho de dormir, brinquedo preferido... O brinquedo que vem de casa ou o paninho cheiroso faz parte deste ritual. É, na maioria das vezes, a “muletinha” para a formação de novas relações. Não prejudica, não “tira pedaço” e deve ser substituída gradativamente, a medida em que se percebe que os laços fraternos com a escola estão se firmando.

As salas não devem ser muito grandes; espaços menores dão um pouco mais de segurança e há possibilidade de um olhar sobre toda ela e sobre todos os recantos. Salas grandes proporcionam muitas coisas espalhadas, muito estímulo simultâneo e pouca assimilação.

A decoração é importante. Ela precisa ser divertida e estética, mas não infantilizada. Os pequeninos não precisam de coisas distintas da vida, porque eles estão aprendendo a conhecer a vida, precisam “alcançar” estas coisas da vida. O período é de construção do real e não de simbolização.

A higiene do ambiente é fundamental, sem conter exageros ou paranóias. É preciso levar em conta que tudo passa pela boca nestes primeiros anos de vida e tanto o chão, quanto os objetos precisam estar bem limpos. Uma proteção para os sapatos ao entrar nos espaços destinados à movimentação dos pequeninos é importante, caso não se possa tirá-los. Se a temperatura permitir, andar descalços, tanto a educadora, quanto as crianças é muito bom! As sensações percebidas pelo contato dos pés não são muito exploradas, e são de fundamental importância. O mesmo acontece com as outras partes do corpo.

Quatro espaços definidos são fundamentais: o espaço para brincar, o espaço para repousar, o espaço para alimentar-se e o espaço para higienizar-se. Eles precisam ser organizados, devem apresentar segurança para que as crianças possam movimentar-se e tocarem-se.

No espaço para brincar, é preciso cestas ou caixas onde se guardem coisas ao alcance das crianças e o material ali guardado, deve ser selecionado de acordo com o objetivo estimulador da educadora. Tudo serve, desde que apresente diferentes propriedades a serem exploradas e percebidas.

Os brinquedos não precisam ser tão bonitos do ponto de vista adulto, mas que sejam práticos para experimentar. Todos eles passam pela boca (reflexo de sucção) para “provar e conhecer” e, portanto, precisam estar limpos e desinfetados. Devem não ser perigosos e não tóxicos (cuidar as pinturas); devem ser seguros (não quebrar, não vazar enchimento, não ser bolitas, não ter pontas); devem não ser pequenos demais (que possam ser engolidos, colocados no nariz ou no ouvido) e devem ter distintas texturas, formas, cores, consistências, odores, e sons. Não se deve apresentar muitos de cada vez, para não haver super-estimulação.

Uma “Cesta de Tesouros” é um tesouro! Local onde coisas da casa e da vida cotidiana estão presentes: colher, batedor, interruptor de luz, pilha, panela, chaleira, etc. Os objetos em desuso na casa são riquezas na escola...

O espaço para repousar deve ser tranquilo, propiciar uma meia-luz, sem ficar escuro. Colchonetes são mais apropriados que berços, pois favorecem de imediato a locomoção e a procura por estímulos logo que despertam. As crianças nunca devem ficar sozinhas ao dormir. O olhar do adulto deve estar sempre presente, atento aos seus movimentos respiratórios, às suas posições.

Os colchonetes ou tapetes devem ser de cor tranquila, suave e única, sem desenhos espalhafatosos, sem estímulo sonoro e sem perigo para as crianças (botões, guizos, fios pendentes). Devem pertencer a um lugar permanente, onde os pequeninos que já se locomovem possam procurá-los com segurança de repouso e, onde os que não podem locomover-se tenham a tranquilidade de permanecer, quando despertados, explorando os mais variados materiais. Próximo a eles, deve haver uma barra fixa à parede, ou algum brinquedo firme, que sirva de apoio para aqueles que precisam fazer exercício de levantar-se. Observar as posições mais frequentes em que as crianças repousam é muito importante. Recorrer à posições fetais pode ser um sinal de alerta!

Um espelho é fundamental. Jogos no espelho proporcionam múltiplas construções. A auto-identificação não é imediata, mas se constrói gradativamente, à medida em que as imagens refletidas nele se movem, se transpõem, se convertem, se transformam, mudam de direção... O espelho é um elemento construtor. Nele, a criança pode ver movimentos de partes de seu corpo que ela não vê, pode

ver movimentos que sente sem enxergar, pode colocar em prisma situações não presentes no mesmo ambiente. Jogar com o espelho é um estímulo que agrada à todas as crianças.

Fotografias ou gravuras bonitas coladas pelo chão servem para estimular a locomoção, para ampliar o vocabulário, para enriquecer as experiências. As gravuras devem ser um elemento único, sem muitos detalhes, de um tamanho razoável e de acordo com o espaço que dispõe para ser colada. Elas devem fazer parte da realidade das crianças e serem identificáveis pelo uso.

O espaço para alimentar-se pode estar integrado ao de brincar, desde que cada criança tenha bem presente que naquele momento, não será o de brincar, e sim o de alimentar-se. Para isto, os brinquedos devem ser recolhidos, a verbalização deve ser apropriada e a ação coerente.

O espaço para higienizar-se: trocas de fraldas e lavagem de mãos e rosto, deveria ser fora da sala de permanência, desde que haja outra pessoa para ficar com as crianças, quando a educadora para lá se dirigir. Caso necessite ser dentro da sala, deve ter ponto de água e ser separada do resto do ambiente por um vidro, evitando a propagação do odor das trocas de fraldas.

Nas trocas, o toque, o carinho, as massagens são eficientes contatos corporais, principalmente se acompanhados de palavras doces e carinhosas. A expressão fisionômica e o jeito de falar da educadora, nestes momentos, determinam as relações que a criança terá consigo e com os demais. A formação de uma auto-imagem positiva começa desde muito cedo.

Cada atividade não dura mais que 5-6 minutos e quando se propõe uma atividades, se recolhe os outros brinquedos. Permanece a questão da super-estimulação, a não ser que haja uma auxiliar na salinha, que possa interagir com outras crianças simultaneamente.

Dos 4 aos 12 meses multiplicam-se as possibilidades, a partir das reações circulares secundárias, onde a criança começa a interessar-se pelos resultados da ação dos objetos que a rodeiam, e passa a estabelecer uma relação entre aquilo que ela faz e aquilo que ocorre com os objetos. Esta coordenação facilita a distinção entre meio e fim, dando início à causalidade e faz com que ela organize ações que prolonguem espetáculos que lhe interessaram – é a permanência da ação. Surgem as primeiras condutas intencionais, limitadas pelo momento da ação e usando somente meios que lhe são conhecidos.

Os progressos conseguidos pela criança em sua maneira de atuar sobre o mundo, lhe permite dar-se conta de que os objetos existem independente de suas atividades com ele. Aparece então a imagem mental e conseqüentemente a permanência do objeto.

O “esconder” deve ser constante. Esconder o rosto em baixo da fralda ou toalha; esconder-se atrás de outra pessoa; esconder parcialmente um objeto de seu agrado. Perceber – esconder – procurar – reencontrar... Identificar, verbalizando, dando características. Brincar com as figuras colocadas ao chão, pedindo que as localize. Solicitar o objeto, mesmo que não esteja escondido, para propiciar sua busca. As possibilidades são múltiplas, basta ter criatividade.

As diferentes posições que consegue colocar seu corpo, as diferentes maneiras que pode deslocá-lo, a possibilidade de buscar o que deseja num espaço próximo, as múltiplas formas de coordenar seus esquemas de ação e a intencionalidade permitem a elaboração de um novo campo espacial. O espaço não é mais percebido só em função do “eu”, mas sim como um meio imóvel interligando todas as coisas. O mesmo acontece com a causalidade e o tempo: ela percebe que existe um espaço temporal

entre a causa e o efeito, entre o meio e o fim de um acontecimento e que os objetos também podem ser fonte de atividade e não apenas o seu próprio corpo.

É o grande momento para explorar os mais diversos tipos de deslocamentos com seu corpo e deslocamentos dos objetos. Perceber trajetórias, acompanhá-las, deslocar-se em busca de algo que deseje. Rodinhas de diversos tamanhos são verdadeiros tesouros na salinha! Deslocá-las, verbalizando situações, mais ainda...

O informe diário, sob a forma de um registro, é muito importante, tanto para os pais, como para os educadores. Uma caderneta, uma agenda, uma apostila: o instrumento não é o mais importante. O importante é que se coloque ali, os fatos que marcaram aquele dia, quer seja na rotina, quer seja nas atividades, quer seja na evolução. Os pais que não conseguem ser presentes, mantêm um contato indireto através deste instrumento; os educadores podem manter um registro progressivo de suas observações e as crianças terão um diário de suas atividades quando pequenos, para mostrar aos seus descendentes.

O profissional dos pequeninos deve ter experiência com crianças, deve ser uma pessoa madura emocionalmente. Antes de trabalhar com os pequeninos, o educador deve passar por outras classes de crianças maiores. Para ser considerado um bom educador, deve *passar por louco*: verbaliza, ri, fala constantemente, realiza imitações e, de fora, parece estar falando sozinho, pois não é contestado!

A classe dos pequeninos é uma classe de muita sensibilidade, muita tranquilidade, muita criatividade.

## MARCAMOS UM ANO DE VIDA

O completar doze meses marca um momento importante para as possibilidades de percepção – experimentar é fundamental. Tudo que lhe for oferecido deve possibilitar a experimentação. Com o aparecimento da reação circular terciária onde a criança, ao repetir a conduta faz variações experimentando para ver o que acontece, ela descobre novos meios e começa a fazer previsão de acontecimentos. É o início da verdadeira representação mental, ainda dependente da experiência sensorial direta, mas que lhe permitirá distinguir melhor os fatos que acontecem e recordar certos acontecimentos presenciados, internalizando o mundo exterior.

É preciso ter presente um ponto fundamental: o tamanho da criança, frente ao tamanho do adulto. Já que a criança se locomove e dá seus primeiros passinhos, passamos a brincar sempre em pé, e a criança passa a ver somente nossas pernas, realizando um esforço enorme para poder perceber o todo de nosso corpo. É preciso sentar com a criança, no nível em que ela está. Até para se bater fotos isto é muito importante!

Iniciam um processo maior de independência. Separar-se da mãe e do pai já não é tão doloroso; abanam, dão beijinhos e sabem que eles voltarão (permanência do objeto mais consistente). Esta é uma situação ambivalente para a família: por um lado há um contentamento com a evolução de seu “bebêzinho” e por outro uma sensação de escape, de falta de controle, de perda de domínio. As famílias ficam ansiosas e não encaminham bem este momento, precisando de nossa ajuda para se aconselhar. Isto se percebe, quando elas continuam a tratá-los como bebês, usando carrinhos, dando muito colo, oferecendo a comida na boca, falando de forma gutural.

A alimentação deve sofrer uma progressiva transformação a partir dos 9-10 meses: os alimentos devem ser mais sólidos e a criança deve começar a comer sozinha. É bom deixá-las comer com as mãos, formando pinça com os dedinhos. Mastigar–salivar–engolir, favorece o desenvolvimento do aparelho digestivo e fortalece a dentição. Movimentos de contrair–descontrair, comprimir a língua no “céu da boca” e passeá-la entre os alimentos, favorece o aparelho fonador. A introdução de texturas e gostos diferentes se faz necessária. Quanto mais se tarda a introduzi-los no cardápio dos pequeninos, mais difícil é fazê-lo: rechaçam, fazem arcadas e vomitam, porque o organismo não faz a identificação. Verbalizar sobre as coisas que comem, conversar sobre o momento da alimentação, ajuda a ampliar o vocabulário e a identificar este momento de forma prazerosa.

Muitas atividades sobre alimentação podem ser realizadas e confeccionar a própria merendinha é uma delas, de grande validade e muito enriquecedora. É o momento de provar tudo e, em grupo, eles sentem-se desafiados...

Se logo após a alimentação é o momento do descansinho, cuidar as regurgitações, que são normais nos gulosos ou quando se introduz novos sabores. Procurar que a criança não durma logo que comer, mas se isto acontecer, ficar cuidando e deitá-la de ladinho.

A chupeta, o paninho ou o brinquedo de casa ainda são importantes. É sua recordação do ambiente familiar, o odor de sua casa, a segurança que se faz necessária e que não faz mal. É normal nos primeiros anos e nos primeiros tempos. Alguns vivem bem sem eles, outros não. É preciso paciência,

que progressivamente eles vão soltando-se destes vínculos e vão formando outros, com certeza! Isto vai depender de segurança e confiança...

Um cuidado um pouco especial com a chupeta deve ser considerado: sempre na boca, não permite a experimentação. Tudo passa por ela, antes ou depois de explorado e, se a chupeta ali está, não permitirá a colocação de outro objeto. Ela é relaxante e tranquilizante, mas não deve ser usada em todos os momentos, principalmente nas brincadeiras organizadas. Os dentistas as condenam, mas tudo que é obsessivo não é bom. Forçar a criança a ficar sem a chupeta é um problema que não precisa haver. Dosar, equilibrar é essencial. Se *sempre* está na boca, poderá deformar a arcada dentária, provocar viroses com a saliva acumulada em sua superfície, mas... chupeta *sempre* na boca é insegurança afetiva! Devemos usar chupetas sem corda, soltas, para evitar enforcamentos ao dormir, ou nos confrontos de crianças.

O balanço também é um elemento tranquilizador, que acalma. Colocado no teto da sala, deve ficar bem baixinho, para que a criança sente sozinha e ela própria se embale, provocando o impulso necessário para o deslocamento, com a força proporcional ao seu peso mais o do balanço. Legal, não? São princípios de física, experienciados a todo momento por nossos pequeninos e nós não nos damos conta! Pode ser usado antes de comer, enquanto espera uma atividade, antes de dormir, quando está muito agitado ou chorão... Pode ter mola na parte superior, para mexer para cima e para baixo, provocando um impulso diferenciado.

Aos pais, deve permanecer o contato diário com a educadora de seu filho. Isto continua dando-lhes segurança. Deve ser para ela que eles o entregam, e dela que eles o recebem. A forma como o pequenino é recebido e o que lhe é feito neste momento é fundamental e determina a continuidade do relacionamento.

A educadora deve receber seus aluninhos e *receber* significa estar a *disposição deles* à partir daquele instante. Ela deve ter um rotina para este momento: uma canção sistemática, uma atividade permanente, algo que marque sempre esta chegada. A saída também precisa ficar bem determinada.

Evitar os diagnósticos precoces: quando dizemos que uma criança não faz algo (aos 9 meses uma caminha e aos 14 meses outra não caminha) não necessariamente esteja passando por algum problema. Quando uma criança faz algo fora do habitual para sua idade, pode ser falta de estimulação ou de oportunidades para fazê-lo. É preciso um conjunto de indícios significativos para determinar um retardo no desenvolvimento de uma criança. Para ajudar na evolução dos pequeninos com dificuldades, é melhor contar com outros profissionais. Está claro que as dificuldades precisam ser detectadas cedo. É melhor estimular aos 12 meses do que aos 4 anos. No entanto, o diagnóstico precoce e, principalmente, a divulgação dele aos pais sem consistência de causa precisa ser evitado. Para a família, saber que a pessoa que ela mais quer neste mundo não é igual às outras, é terrível! Solidariedade, tato, calma e *certeza* é fundamental. O momento é difícil e duro, e precisa ser compartilhado com mais de um especialista, para ser concreto.

Cuidado com coordenações que não se organizam, com esquemas que não se coordenam, que não apresentam evolução. Aí, sim, pode ser a manifestação de algum problema neurológico. Cada criança tem de ser vista no seu contexto e não sendo comparada com outra. Cada uma é especial, tem um ritmo particular, desenvolve-se em cadência própria. Mas, todas apresentam uma evolução progressiva e sequenciada, que precisa ser observada. Isto é importante.

## ANTES DE FECHAR O SEGUNDO ANO

As observações feitas neste período mostram que agora aparece um novo processo regendo certos comportamentos: a dedução, o estabelecimento de relações que auxilia na descoberta e invenção de meios diferentes para solucionar problemas, usando as representações mentais das ações aprendidas.

Outro dia, observei um menino de 1 ano e 4 meses construir suas idéias acerca do funcionamento do imã e deduzir por meio de sua experimentação.

*O Rodrigo chega bem cedo à escola. Sendo o único aluno neste início de turno, passa a fazer parte de nossa rotina, indo até a cozinha e nos acompanhando no café matinal. Comecei a preparar uns pastéis e ele brincava na porta da geladeira, com alguns enfeites que lhe chamam a atenção. Com o dedinho em pinça, tirava e tornava a colocar os enfeites, observando como eles aderiam à porta instantaneamente. Tomava-os na mão, olhava atrás e colocava-os novamente na porta. À cada adesão dos enfeites, batia palmas e dançava em giros, feliz. Ao cortar o plástico que envolve os pastéis, coleio-o na porta, junto aos enfeites que ele explorava. Observou atentamente o plástico que aderira à porta, devido à umidade contida nele. Começou a brincar com o plástico então, da mesma forma que brincava com os enfeites e alternava o manuseio destes e do próprio plástico. Rodava feliz a cada sucesso! O plástico caiu ao chão e ele voltou a colocá-lo na porta. Bati com o dedo no plástico, provocando sua queda. Ele riu e imitou minha ação, só que nos enfeites. Mas o imã não permitiu que a queda do enfeite fosse igual à do plástico. O enfeite foi caindo em cambalhotas e precisava de um estímulo do dedo, para virar cada uma delas. Curioso, ele tira o enfeite da porta, olha atrás, torna a colocá-lo nela e reinicia o processo de cutucar com o dedo para ver o enfeite dar cambalhotas consecutivas em direção à parte inferior da geladeira. Pega o plástico do chão, observa seus dois lados, coloca-o na porta da geladeira e tenta fazer o mesmo processo que fazia no enfeite: cutucar com o dedo para vê-lo dar cambalhotas. Sem sucesso, senta ao chão e fica manuseando, ora o enfeite, ora o plástico, em grande contemplação.*

Este fato exemplifica bem o raciocínio dedutivo. Este período, caracterizado pela “invenção de novos meios através de coordenações internas” mostra o uso do pensamento como forma de antecipar a ação e inventar soluções por meio de experimentação. Além disso, ele observou a diferenciação das reações dos objetos e ficou comparando-os para constatar suas diferenças analógicas.

É preciso aproveitar todos os momentos que a criança dispõe para suas experimentações. É preciso ser atento e propiciar experimentos variados, possíveis de serem observados, constatados, comparados.

Nem sempre isto é possível. Eu ainda tive a sorte de poder registrar em fotos, porque ele repetiu as ações muitas vezes, e recomeçava sempre com a mesma curiosidade e a mesma sequência de ações. Com a representação mental e a invenção de novos meios por combinação mental, a ação pode ser repetida de forma simbólica. A criança passa a brincar de representar alguma coisa que está em seu pensamento. Esta forma de representação é a imitação diferida, não mais na presença do modelo.

A possibilidade de imitar, de repetir as coisas que os adultos fazem, na presença do modelo ou sem ela, nos auxilia a organizar atividades mais complexas.

Ter situações da casa representadas na sala é muito importante. Um espaço onde se reproduzam momentos da rotina familiar. Nem sempre o mesmo espaço ou a mesma situação: ora este recanto será o quarto, ora será a sala, ora a cozinha. Dependendo do que seja, os objetos e as situações representadas ali, deverão ser coerentes. Para fazer comidinhas, deve haver ingredientes o mais real possível, com texturas e sabores diferentes. Provar laranjas, batatas, tomates, limões, pepinos, nas brincadeiras de casinha. O gosto é muito desenvolvido. Elas devem manusear, cortar, provar, pinçar... A educadora deve estar junto, provando, agindo, manifestando seu agrado ou desagrado e verbalizando o sabor que tem cada alimento experimentado: doce ou salgado, azedo ou amargo, quente ou frio... Água faz parte da brincadeira. É difícil? Sim, mas importante! Caixas grandes de papelão com portas e janelas em plástico, para que eles possam entrar e sair, poderão ser a representação global desta casa.

Espaço em desnível, como escadas, para que possam subir e descer. Caixas grandes, para entrar e sair, com diferentes orifícios, para ver o mundo em distintos diâmetros. As caixas devem ser de tamanhos e medidas diferenciados, para que possam experimentar com seu corpo, tamanhos e alturas (grande, médio, pequeno). Rampas organizadas com tábuas. Túneis feitos com pneus ou bambolês envoltos em panos. Cortinas pendentes, para formar barraquinhas. Tudo pode estar disposto a formar um delicioso labirinto!

Bicicletas para pedalar; caixotes para empurrar, deslocar, puxar, transportar coisas e até mesmo coleguinhas. A classe precisa ter muito jogo motor, muito movimento.

É através das próprias ações que a criança vai conquistando uma certa independência e controle de seus movimentos. Comer sozinho requer uma certa paciência e segurança, que nem sempre os adultos estão dispostos a ter. Mas é necessário deixá-los comer sozinho, usar os talheres, dominar o prato e conduzir a colher ou o garfo até a boca. Faz sujeira? Sim! Mas que rica construção!

Vestir-se sozinho também é uma necessidade. Requer tão ou mais paciência que o comer. Se nele, a sujeira e bagunça está implícita, no vestir, o tempo está em relação. A demora para executar a tarefa, tira o adulto da paciência e ele prefere fazer pela criança. Má sorte!

Estas duas atividades, para se tornarem independentes, precisam de 3-4 meses de adaptações (e paciência). Se possibilitarmos este tempo para a construção deste saber, lucrarão as crianças, com certeza!

Atividades que impliquem o pinçado devem ser altamente exploradas, são muito importantes, principalmente dos 15 aos 20 meses. Outros 4 meses são necessários para a organização segura deste esquema motor. Não corrigir os “modos de pegar” (esquemas motores), através de observações como: “vê como eu faço!”. Fazer junto com a criança, como uma atividade própria nossa, de parceria, ao lado dela, é produtivo. A auto-correção chega... ou não! Cada um tem seu jeito próprio de atuar. Se tem

sucesso na realização da tarefa é o que conta e o “estar bem”, também. Quando uma criança está se prejudicando por um esquema motor mal organizado, aí sim é motivo de preocupação.

É o momento de romper papéis, rasgar muito papel! Fazer montanhas dele. Romper por romper. Romper e fazer bolas com toda a palma das mãos. Rasgar de variadas maneiras: grandes, menores, bem pequeninos. Usar papel de diferentes resistências, de diferentes texturas. Ao romper papéis a criança utiliza todos os músculos, dos dedos aos ombros. Brincar com estes rasgados. Evitar convergir para a eterna colagem! Nem toda a atividade de rasgar papel precisa acabar numa colagem sem sentido! Neste momento, a criança precisa ver as transformações e não uma produção gráfica simbólica. Explorar o simbolismo na “chuva de papel”, na “casa de papel”, no “mar de papel”, na “piscina de papel”, onde podem mergulhar desnudos... Existem muitas coisas que o papel rasgado ou amassado pode ser.

Grandes papéis podem estar dispostos, cobrindo o solo, para que a criança apoie todo o seu corpo sobre ele. Primeiro deitados, depois sentados, ou ajoelhados, em qualquer posição. Usar sobre o papel o crayon, a esponja, a tinta... As tintas devem ser laváveis e não tóxicas; podem estar em pratos para melhor manejo. As crianças podem estar desnudas e usar todo seu corpo, ou as mãos, ou os pés. Podem se lambuzar na tinta, nadar nela, sentir com toda a sua pele. É uma experiência de grande valia. Isto não significa que sairão a pintar todas as paredes da escola, ou o seu chão, ou farão isto em sua casa. É preciso verbalizar sempre a atividade, colocar as regras básicas e necessárias e não permitir que a atividade extrapole a noção de organização.

Nesta idade, trabalhar sentados, com papéis pequenos, oferece uma experiência onde sempre fracassam. O trabalho no papel diariamente não leva a nada. Não está auxiliando o desenvolvimento da capacidade de sensações perceptivas e motoras. Está proporcionando um controle desnecessário para esta etapa de sua vida.

Trabalhar também com farinha, desnudos, da mesma forma que se trabalha com a tinta, ou colocando a farinha em pequenas piscinas infláveis. Sagu é um bom substituto e oferece outra textura, outra sensação diferenciada. Não precisa se ter medo de sufocamento. Todas estas atividades devem ser propostas para poucas crianças de cada vez e o olhar atento e a intervenção da educadora deve estar sempre presente. Isto é fundamental e o que garante o sucesso e a segurança da atividade.

Organizar um espaço para música, em colchonetes, com instrumentos musicais, rádio, toca-disco, toca-fita, outros objetos que sirvam para explorar sons. As crianças devem perceber o sons das palavras, seu ritmo, sua cadência, a melodia que extraímos delas. Precisam perceber que o universo é sonorizado e que todos os ruídos podem entrar em harmonia, se assim o desejarmos. Usar as melodias mais variadas, os estilos mais diversos, os gostos mais ecléticos.

Organizar um espaço para ouvir histórias (biblioteca – na sala ou fora dela), com livros que possam manusear, aprender a folhear, aprender a cuidar e conservar, aprender a observar e identificar, aprender a reconstruir. O texto nem sempre precisa ser de primeira qualidade, desde que o educador seja criativo para reorganizá-lo; mas as figuras precisam ser de primeiríssima qualidade. Não há leitura do código escrito, há leitura de imagens, há percepção visual, e o que vêem é interiorizado. Quando inventamos uma história, precisamos registrá-la. As crianças pequenas pedem para ouvir repetidas vezes a mesma coisa, até que sintam-se seguras para compreendê-la. Às vezes, passamos por maus pedaços, quando nos dizem: “de novo!” e não nos lembramos da metade do que foi inventado.

Cuidado com as “etiquetas”: excelente!, é o melhor!, consegue sempre!, não sabe!, não tem!, não consegue!... As crianças são muito espertas e percebem suas possibilidades e dificuldades desde a mais

tenra idade. Chamar atenção sobre qualquer uma delas, sempre será prejudicial. Antes de dizer que o problema está centrado na criança, verificar nossa proposta, nosso desempenho, nossas ofertas, a individualidade de cada um, a estrutura familiar de origem.

Nossas preferências por alunos requerem cuidados mais do que especiais! Manifestá-las é proibido! Geram situações de dificuldades entre as crianças e grandes conflitos. As preferências são normais, mas prejudicam, mesmo sendo inconscientes. É preciso redistribuir, repassar, recompor nossa afetividade, nossa atenção com todos.

Dizer *não* é uma aprendizagem que precisa haver! É a forma de compreender o limite. Ajuda a construir a auto-regulação e o auto-controle. “A construção do auto-controle é que se permite viver!” A mesa foi feita para comer e trabalhar e não para dançar sobre ela. Se assim for aos 1-2 anos, quando chegarem aos 5 anos, não digam que *é mal educado*, digam que *foi educado mal*... NÃO é uma só vez e taxativa; duas no máximo; a repetição, aqui, é prejudicial.

Todas as famílias devem ter coisas proibidas. Só elas é que auto-regulam. Elas são produtivas. Só podemos compreender o que se pode fazer, se houver coisas que não se pode fazer. Crianças que mandam no adulto e na casa, impondo sua vontade é incoerência: aos 2-5 anos, uma criança *está aprendendo a viver*; aos 30 anos, uma pessoa *está ensinando a viver*... Deixar bem claro as coisa que não se pode fazer, que são incombináveis, é elaborar as frustrações, estabelecer claro os limites, ajudar a evoluir sua autonomia.

Quanto mais tarde forem trabalhadas estas questões, mais transtornos lhes causarão. As famílias possuem grande complexo de culpa. Compram tudo que querem, fazem tudo que querem, para compensarem, e justificam: “Como está muito pouco comigo, não posso dizer não. Deixo fazer o que quer, para não frustra-la. Não gosto de vê-la chorar! Mais tarde ela vai compreender...” Conceitos falsos! Mais tarde já estará tão assimilado, já fará parte de um jogo tão bem estruturado, que o adulto não poderá mais fugir do emaranhado de chantagens emocionais e o desenvolvimento da moralidade da criança estará tão prejudicado, que somente com sofrimento e coerções alguma coisa poderá ser resgatada ( ou não!).

E as mordidas? Vão bem, muito obrigada? Jesus! Vocês enlouquecem tentando evitar mordidas? Vejam bem: mordidas são tentativas de relacionarem-se com seus pares. Tentam dar beijos e não conseguem, então, dão mordidas! Provocam uma atitude interessante – choro ou grito. Gostam e tornam a repetir a façanha, para provocar novo “espetáculo”! Isto também acontece com o arrancar o cabelo ou tirar o brinquedo da mão do outro. Sempre vai ser mais interessante o que está na mão do outro, porque está em movimento! Se o adulto não consegue contornar estas situações sem agressividade, na certa vai “entornar o caldo”. Agressividade não leva a nada. Às vezes, a ação do adulto intensifica a reação da criança: ela provocou o “espetáculo” no adulto e isto é mais interessante ainda! Que o profissional sinta que as mordidas “estão acontecendo” e procure que este processo passe o mais tranquilamente possível; que ele crie muitas atividades de movimento – estando em atividade, não há tempo para morder; que ele esteja engajado na atividade de corpo e alma e que ele saiba que este é um processo individual, que dura mais ou menos 1 a 1 mês e meio. Evitar rotular a criança como “mordedor” ou como aquele que “era bom e agora morde”! É preciso tranquilizar os pais, pois isto passa.

É também preciso pensar no mordido. A “vítima” precisa aprender a defender-se, quando é sempre ela a escolhida. Muitas vezes, a descarga é sempre numa mesma criança, por ser a mais frágil, a que não reage, ou a que mais se destaca, a que está sempre em evidência. Manter o “escolhido” ao lado do

profissional lhe dá uma certa segurança e inibe o mordedor. Revidar não é o caminho, mas, às vezes, é um passo necessário...

O brincar de “esconde-esconde” passa a ter nova conotação. A criança, agora, já procura o objeto escondido, mesmo que não o tenha visto desaparecer, pois é capaz de mentalmente representar o trajeto percorrido por ele em seu deslocamento no espaço. O espaço já é percebido como independente de si. Ela procura obstaculizar a visão de seu corpo ou do objeto que está escondendo, diferente de antes, onde bastava fechar os olhos ou cobri-los, para considerar-se escondida. Percebe que “procurar” depende de não visualizar o momento “do esconder” e o transforma, agora, numa brincadeira organizada, onde a regra começa a despontar.

O tempo, estruturado até então através de suas próprias ações, é representado nelas ordenadamente. Sabe o que é preciso fazer “antes” de algum acontecimento e prevê o que ocorrerá “depois” de algum dele. Para esta noção, o planejamento ordenado e sistemático das atividades de classe são muito importantes. Resulta em tranquilidade. **“A repetição é a segurança que se aprende.”** Desde a mais tenra idade, espaços de tempo organizados, precisam ser “sentidos” e “vivenciados” pelos pequeninos. O planejamento da rotina familiar, com as principais atividades ordenadas e em espaços de tempo coordenados são fundamentais. Organização nas mamadas, nas trocas, no repouso, nas brincadeiras parecem não ter importância nos primeiros momentos de vida de uma criança, mas são eles que determinarão a estruturação do conceito de tempo que ela terá mais tarde.

A “Caixinha do antes-agora-depois”, funciona muito bem a partir deste momento. É uma caixa com três compartimentos, onde são colocados objetos reais que representam coisas a serem feitas nos espaços da Rotina. Ao organizar esta Caixinha são trabalhadas as situações de antes, agora e depois, numa verbalização das atividades. À cada atividade realizada volta-se à Caixinha, reorganizando-a: o que era “agora” fica sendo “antes”; o que era “depois” fica sendo “agora” e o objeto que representa a próxima atividade será colocado no compartimento do “depois”. Os objetos precisam ser o indício claro e lógico de cada atividade da Rotina; não simbólico mas real.

Também uma boa organização se faz através de fotos dos momentos da Rotina, onde apareçam as crianças e as pessoas que lidam com elas, realizando as atividades. Estas fotos são exploradas, bem verbalizadas, bem manipuladas pelas crianças. Depois, começam a ser organizadas num varal ou cordel, na ordem em que as atividades acontecerão naquele dia. Elas começam a perceber a estruturação da Rotina de uma forma bem concreta e com sua representação nelas.

As relações de causa e efeito, fundamentalmente ligadas às noções de espaço e tempo, se estruturam de forma mais consistente. Ao perceber todas as reações que seus movimentos desencadeiam através de sua vontade ou involuntariamente, começa a agir com a intenção de provocar o efeito ou, a partir dele, reorganiza a ação para verificar a causa. É um novo jogo que se estrutura fortalecendo o pensamento dedutivo. É importante que arrastem coisas com pesos diferentes; que se desloquem e desloquem coisas de diferentes maneiras; que explorem sons produzidos por objetos diferentes.

Entre 23-26 meses (+ ou -) está investigado que há amadurecimento neurológico para o controle dos esfíncteres. O auto-controle pode durar por volta de um mês. A tentativa de controle precoce pode prolongar este acontecimento. É preciso certas capacidades adquiridas: capacidade motriz, capacidade de compreensão verbal, capacidade de compreensão do tempo; percepção de seu próprio corpo num espaço fora dele.

O início do auto-controle está muito ligado à auto-imagem: “eu posso resolver bem”; “resolvo bem e rápido”; “resolvendo, tenho menos problemas com os adultos”. Ele começa quando a criança está desperta, pois ela precisa tomar consciência da ação e do fato que está acontecendo. Os meninos formam um arco e as meninas não vêm por onde sai aquele aguaceiro: são sensações novas! Compreender as sensações internas é necessário, para que se possa compreender as sensações externas. Relacionar a “cósquinha” do baixo-ventre com o líquido que se esparrama pelo chão e que sai de dentro dela é fundamental! Portanto, a criança precisa fazer nas calças ou nas cuequinhas, numa primeira instância. Ralharmos com ela porque molhou-se não tem fundamento! É preciso molhar-se!

Paciência é um lema, nestes momentos. Ter uma idéia do ritmo de cada criança, para estabelecer um tempo de solicitar o controle, também é importante. Na escola é mais fácil que em casa, pois levamos as crianças em pequenos grupos, num local apropriado, conversamos sobre o que está acontecendo, escutamos o “barulhinho do xixi” saindo, damos adeus a ele, e tudo se transforma numa atividade prazerosa...

Evitar realizá-la dentro da sala, ou transformá-la numa atividade diferenciada. O sono deve ser tranquilo, por isto não deve existir a tensão de cuidar, quer nossa, quer da criança. Até os 3 anos não há problema que usem fralda à noite, embora, se o controle diurno foi razoavelmente fácil, devemos estendê-lo ao período da noite e do sono.

Sintomas de que está na hora de começarmos a ajudar no controle dos esfíncteres: diz que quer fazer cocô ou xixi e já fez; mete a mãozinha na fralda, tentando tirá-la; permanece bom tempo de fralda seca, entre outros. Também é importante que não se inicie o controle dos esfíncteres durante período de adaptação e sem antes falar com a família. A temperatura ambiente influi bastante: durante o inverno é mais difícil a tomada de consciência das crianças e, quando a temperatura cai, escapes são normais. Controlar o cocô por vezes é mais demorado, porque a criança não vê por onde sai, tornando a conscientização mais difícil. Quando já havia um certo auto-controle e os escapes são frequentes é preciso uma investigação da causa, inclusive com exames fisiológicos.

“Brincar com seu cocô e com seu xixi é sinal de saúde física e psicológica.” Não significa que devemos permitir, significa se a criança quiser... Jamais dizer: “é feio fazer na calça”; “não vou te querer mais se o fizeres”; “ui! que nojo, que porco”... são insultos irreversíveis, que poderão marcar a relação da criança com o mundo e com sua sexualidade para sempre. Quando ultrapassa mais de um mês a tentativa de controle, pode haver uma causa somatória, que necessita investigação. Os de fora da situação não podem intervir neste controle, apenas auxiliar numa sistemática de tentativas, pois é um processo intrínseco. Na verdade, é a coordenação de uma construção interna e uma ação externa; uma ordem psicológica mais uma ordem neurológica, relacionadas com o aspecto afetivo é que resultam na ordem de abrir ou fechar os esfíncteres. É importante que seja uma etapa bem construída porque tem uma função transcendente na vida de uma pessoa.

## DEPOIS DO SEGUNDO PARABÉNS

Por volta dos 2 anos de idade, a criança inicia uma nova fase, onde irá colocar em prática tudo que sua inteligência sensório-motora captou do mundo, no decorrer deste período. Agora, ela evolui para uma inteligência representativa. Com a aparição da função semiótica, as invenções, que até então eram efetuadas de modo prático, passam a ser efetuadas no nível mental. Há um grande desenvolvimento da linguagem, uma grande capacidade de imaginar, de simbolizar.

É preciso que se crie tempo para auxiliar nesta evolução: tempo para imaginar, tempo para simbolizar, tempo para ver figuras, tempo para ver fotos, tempo para reconstruir a nível mental, aquilo que na ação prática imediata já faziam.

O brincar de “faz-de-conta” é muito apreciado e no espaço da “Casinha” ela reconstrói toda sua vivência familiar: o que realmente acontece nela ou aquilo que ela desejaria que acontecesse. A criança precisa fazer comida (com água e alimentos de verdade) e dar de comer; vestir e despir bonecas, a si própria ou a colegas; organizar a rotina de uma casa, varrendo, passando roupa, lavando, cuidando de “filhos”, passeando com eles.

O “faz-de-conta” não precisa ficar relacionado só às brincadeiras de casinha; é preciso reinventar o cotidiano da vida. Brincar de loja, de supermercado, de quitanda, onde haja espaço para comprar e vender, onde haja dinheiro de brinquedo e máquina registradora e sacolas e carrinhos... E também pessoas que representem papéis diferenciados: o que vende e o que compra. Brincar de enfermaria e de hospital, com doentes e médicos, com medicamentos, macas, panos, apetrechos diversos. Isto desencadeará jogos com o corpo, possibilitando a construção da sexualidade. Brincar de instituto de beleza, com clientes, cabeleireiros e manicures, com escovas, pentes, espelhos, shampoos, laquês, esmaltes, maquiagens. Brincar de restaurante e bar, com clientes e garçons, com mesas, bandejas, comidas, copos, garrafas, cardápios. Brincar de teatro, shows musicais e televisão, com platéia, atores e artistas, fantasias, cenários, instrumentos musicais, aparelhos de som, bijuterias, pinturas.

Toda e qualquer experimentação é válida, desde que se recrie o espaço, com os elementos que lhe são necessários e as relações que se fazem presente. A criança gosta de brincar de “faz-de-conta” e esta idade é especialmente lúdica e marcada pela curiosidade e pela fantasia, que se confunde com a realidade. Às vezes, cria seu companheiro imaginário, fruto desta fantasia e de seu egocentrismo. Com ele, brinca tranqüila, recriando todas as situações possíveis, conversando com ele e moldando-o ao seus desejos, ansiedades e necessidades. O companheiro imaginário é consequência de sua incapacidade de coordenar pontos de vista. Ele é o outro que faz o que ela quer, sem contestação. É capaz de passar longas horas com ele, conversando e interagindo em vontade própria.

Como com os pequeninos, não se deve oferecer muitas atividades de uma só vez. Eles perambulam e acabam não fazendo nenhuma delas com profundidade de explorações. Oferecer 5 ou 6 opções, no máximo, com pouco material, para não dispersar os objetivos, mas com estimulações e intervenções bem definidas e consistentes. Clareza de objetivos em cada atividade, depende da disposição da educadora.

“Cantinhos” abandonados? Não acontece, se a educadora vai naquele “Cantinho”, ele se torna importante. A presença da educadora, sua voz intervindo com questionamentos interessantes e estimuladores, é uma garantia de que a criança vá em todos os “Cantinhos”. Um planejamento bem organizado é importante e ele deve ser visual, possível de ser consultado a todo o momento, prático e de fácil compreensão pelas crianças.

Escolher a atividade que deseja fazer naquele momento, ajuda na construção de sua própria identidade e de sua autonomia. Para ser autônomo é preciso ter a possibilidade de escolha, entre tantas outras. É preciso, também, saber organizar-se, saber esperar sua vez, saber definir prioridades. Com um planejamento bem estruturado, a educadora pode ajudar a criança nesta construção, pois ela se auto-organizará, a partir das combinações feitas em grupo.

Organizar cada “Cantinho” junto com as crianças, pode ser uma nova atividade, bem estimulante e que contribuirá para os cuidados que cada uma terá com o próprio “Cantinho”. É uma tarefa que pode levar todo o período: “que tal fazermos o “Cantinho da...?”; “como vamos fazer para...?”; “o que vamos colocar ...?”; então, a Rotina é quebrada (que bom!). A Rotina é importante. É importante sistematizarmos o tempo e o espaço entre as atividades. É importante conservarmos algumas atividades: repetir dá segurança. Mas, quebrar a Rotina joga com o elemento “surpresa”, trás o ingrediente desafio para a flor da pele, mexe com a estrutura padronizada e balança... ora, se balança!

E o pátio? Como fica o espaço do recreio? É um eterno conflito! “Agora vamos gastar energia!”, e a criançada sai em desvairada correria, sem saber direito o que pode fazer, mas quer correr, correr, correr. Atropela tudo, cai aqui e acolá, bate nos outros, às vezes morde, sente-se insegura... “Agora vamos descansar, depois das coisas sérias da salinha!” E as crianças sentem-se perdidas, com vontade de brincar, mas sem saber de quê ou com o quê...

O pátio é uma extensão da sala de aula. Nele, pode ser dada continuidade para toda e qualquer atividade que esteja sendo desenvolvida na salinha. Ou, melhor ainda, nele, tem-se a possibilidade de desenvolver atividades que requeiram mais espaço, mais movimento simultâneo, mais diversidade de materiais. Infelizmente, não é hora do educador “descansar”; não é hora de crianças sozinhas. Justamente no pátio, onde o espaço é mais amplo, que a educadora deve estar mais presente. E “estar presente” significa não lendo ou fazendo relatórios, arrumando suas unhas ou fazendo qualquer outra coisa que não seja intervenções. “Estar presente” significa “ter um olhar” sobre seus aluninhos, estar atenta ao que eles fazem, brincar junto com eles.

O pátio deve ser aproveitado para atividades que envolvam todo o corpo: rolar, engatinhar, saltar, transpor obstáculos, arremessar bolas. Montanhas imensas de papel rompido e amassado servem para mergulhar e descobrir sonoridades, texturas, volumes, escuros que se abrem à luminosidades. Usar pouca roupa, para que as sensações sejam captadas por todos os poros e, também, porque se sujam bastante. Isto relaxa e, uma hora depois, podem dormir com tranquilidade!

Estas montanhas podem ser feitas com rolos e papel higiênico, com folhas de árvores, com caixas pequenas de papel, com recipientes plásticos. Que tal uma “Piscina Maluca” onde, ao invés de água, teríamos este material acondicionado? Podemos usar recipientes plásticos de refrigerantes, de diversas cores, com e sem rótulos, para que, além da experimentação senso-motora, também possamos trabalhar outros conceitos. Podemos esconder bichinhos plásticos dentro dos recipientes, que, ao serem encontrados, seriam imitados. Tantas outras coisas que podem ser feitas e que ficam ao encargo da criatividade e imaginação dos educadores!

Atividades com barro (argila) ou areia molhada, também são próprias para exploração no pátio. Cobrir-se com areia, lambuzar-se com argila, ter a sensação de “corpo prisioneiro”... Trabalhar com as tintas de igual forma, explorando a pintura em seu próprio corpo e no corpo dos amiguinhos, para terem as mais variadas sensações. Nús ou semi-nús é a melhor forma. Depois, lava-se com mangueira, ou numa banheira, ou num chuveirão. Que delícia!

As crianças, dos 0 aos 3 anos precisam ter muitas experiências com todo o corpo para terem as mais variadas sensações. Precisam aprender a sentir e dar nome ao que sentem. É importante, é necessário, é fundamental! “Crianças bem trabalhadas com seu corpo, adultos bem resolvidos”.

Oferecer massa de modelar, mas também oferecer massa real, feita da mistura de farinha de trigo com água e tintas. Trabalhar também, com massas de doces, pastéis, pães. Mas, deixar a criança fazer a pasta, lambuzar-se, meter as mãos, dosar as quantidades através de nossos questionamentos. Fazer pela criança, para que ela não se suje, para que ela não suje a mesa ou o chão, não tem sentido. Dar preferência à materiais não industrializados, evitando usar destas misturas prontas para bolos, pizzas ou doces. Fazer com os ingredientes, para que as crianças percebam as transformações que eles sofrem.

No trabalho com crianças de 0-3 anos tem-se a noção de que as atividades não são educativas, porque são rotineiras, são vivências do dia-a-dia. **É preciso primeiro ensinar a viver.** À medida que evoluem, aumentam suas possibilidades e, conhecer estas possibilidades permite maior complexidade de atividades e maior exigência nas tarefas. A observação sobre o desenvolvimento e evolução das crianças, permite respeitar seus ritmos. O que uma criança faz aos 17 meses, outra poderá fazer aos 25! Não **tabular pelo...**, mas saber **onde está**, saber **como está** evoluindo, fazer observações de todas suas ações e reações, favorecer câmbios.

A falta de estimulação nos primeiros anos de vida pode comprometer o desenvolvimento futuro. Há operações que nunca se constróem. Quando não há energética que impulsiona a ação, não há interação com os objetos e, conseqüentemente, não há evolução do raciocínio lógico. Cristalizam-se estruturas, por falta de possibilidades de experimentação.

Uma educadora de classe infantil precisa propor, possibilitar, acompanhar, orientar, compartilhar... Ela não faz para... **Ela ensina a viver, a conviver, numa lição corpo-a-corpo.** Se quem deve atuar e deve experimentar é a criança, a questão é muito reflexiva: como propor a atividade sem dizer o que se deve fazer e mesmo assim, conseguir o intento? A educadora é o modelo atuando em sala de aula, o espelho da criança, que a imita em tudo. A educadora é um ídolo para suas crianças. **Observem que crianças se tem e saberemos como somos!...**

A Escola Infantil não é uma escola que “prepare para”... é uma escola que “ensina a”... Aprender a comer é muito mais importante que desenhar. Existem coisas básicas, anteriores ao grafismo e mais significativas que ele, neste momento. Amarrar um sapato é mais importante que fazer um desenho; aprender a rasgar um papel é mais importante que desenhar sobre ele. Sem desmerecer o valor do grafismo, mas sim, dando a ele seu devido papel!

PIAGET é o teórico que melhor tem explicado o desenvolvimento dos pequeninos. Ele afirma, entre outras coisas, que as crianças constróem seu próprio conhecimento do mundo, a partir de suas atividades motoras sensoriais. Constróem, através de suas atividades, de sua movimentação, de sua manipulação e não através da nossa. Fazer pela criança ou para a criança, não leva à nada! Devemos possibilitar que ajam de fato. Devemos ensinar a viver: a olhar, a pegar, a comer, a vestir, a sorrir, a chorar, a brincar... **Por que isto é que é a necessidade!**

Elas necessitam de movimento, não podem e não devem ficar sentadas à uma mesa. É claro que ficar sentadinhas, copiando coisas ou cumprindo ordens, é mais fácil. Sentadas não há movimento, não se agitam, não transpiram, não gritam, não caem, não mordem, não se atritam... É mais fácil de cuidar!

As interações que as crianças realizam com o meio, dos 0 aos 3 anos, são que as conscientizam do que podem fazer e quais são suas capacidades. É um período em que as atividades não devem propiciar muitos fracassos, para que elas criem uma imagem mais positiva do que negativa de si próprias. O educador deve ter em mente uma variedade de possibilidades, a fim de que cada criança triunfe em um determinado momento. A frustração é importante que seja construída, é preciso que ela exista; mas, também é preciso que se construa a idéia de superá-la.

E os elogios? É preciso falar sobre eles. As crianças pequenas precisam que lhe digam que vai bem, que teve sucesso. Assim como quando não foram bem, não tiveram sucesso, também precisam saber. Os elogios são construtivos, quando evitam julgamentos de valor. “Obrigado por você ter me ajudado a carregar a mesa”, ao invés de “como você é mais forte que os outros”! Dizer que achou bonita a atitude, que ficou bem daquela maneira que ela escolheu, que tal coisa me deixou alegre e feliz, que ela está sendo carinhosa, que está sendo prestativa, que está sendo organizada, podem ser válidos.

Os insultos de qualquer espécie devem ser terminantemente evitados. Ao invés de “que feio”, “não gostei muito do que fizeste”; ao invés de “porco”, “que pena que fizeste xixi”; ao invés de “desastrado”, “vamos ver se consegues da próxima vez”? Dizer o que acontece de uma forma carinhosa, firme e sincera, ajuda a criança a construir uma idéia positiva do mundo e das pessoas que a cercam.

E a criança que é agressiva sempre, que não presta atenção, que quebra as coisas, que desmancha o que os coleguinhas fazem? É preciso dizer-lhe que não está bem. Na verdade, *ela já está dizendo* que não está bem.

A maioria das vezes a criança *está* agressiva; ela não *é* agressiva. Ela está agressiva, porque não consegue se controlar e, não consegue, porque está frustrada ou quer chamar atenção. Muitas vezes, é porque tem algum problema fora da escola, ou está insatisfeita com a própria escola, com a atividade que está realizando, está com medo, insegura, tem desejos e ansiedades que não controla.

A educadora precisa aproximá-la, através de uma atividade e de uma intensa relação corporal (toque mesmo!) Deve procurar realizar atividades que ela mais goste, e não o contrário: deixá-la sem fazer coisas que sabe que ela gosta, sob a forma de castigo. Procurar ficar mais perto dela sempre. Perto, quer dizer: sentar junto, jogar junto, brincar junto. Evitar torná-la famosa pelo negativo: ela poderá transformar-se no grande “bode expiatório” da turma. É preciso respeito por todos: os que conseguem adaptar-se e os que não conseguem.

## UM BOLO DE TRÊS VELAS...

Após os três anos de vida, há um aumento da capacidade de imagem mental: conseguem separar significante de significado, expandem seu vocabulário, dizem frases que expressam seus sentimentos e suas necessidades.

Aumentam, também, a capacidade de fantasiar. Confundem muito a fantasia com a realidade. É a fase da pseudo-mentira, onde seus interesses, anseios, desejos e necessidades se sobrepõe à realidade, deformando-a e acreditam naquilo que desejam acreditar. Reconstruir o fato é uma maneira séria de construir a verdade. Aparecem os medos, aguçados pela fantasia.

Descobrem os amigos, pois a socialização ganha força. Existe as disputas pelas amizades, começam a rechaçar amigos que não querem; organizam grupos com lideranças. A educadora deve procurar integrar sempre o excluído e amenizar as relações deficitárias. Às vezes organizam-se amizades possessivas, mas elas tendem a diluir-se espontaneamente.

Também descobrem o sexo a partir do manuseio de seus genitais. Manipulam, querem ver, examinam uns aos outros. Sentem sensações distintas ao tocar os genitais e ao tocar o resto de seu corpo. Não se deve impedir esta “masturbação-exploração”; uma vez iniciada, ela vai se abrandando até cessar, por volta de um mês, um mês e meio, mais ou menos. É uma masturbação sadia, que leva ao conhecimento de seu corpo e das sensações que ele pode experimentar.

Se a atitude da educadora e dos pais é sensível à percepção de que descobrir seus genitais é como descobrir seus olhos, ouvidos ou boca, nada acontece de grave e o período transcorre em doce descobertas. A educadora não deve fingir que não vê. Ela deve e tem que mostrar que viu, que quer descobrir junto e que não tem problema em que elas explorem, pois *não é feio* e não precisa mandar parar...

Os espaços organizados ou “Cantinhos” são os mesmos propostos para outras idades de crianças, só que cada vez mais complexos, com novas possibilidades, novas experiências da vida familiar e da comunidade. Agora, estes espaços podem e devem ser organizados pelas crianças. A construção de cada “Cantinho” se faz através de questionamentos, de solicitações, de tal forma que as crianças sintam que são elas que estão organizando cada espaço. E organizar é recolher idéias, fazer uma seleção delas, escolher as mais viáveis.

O material dos “Cantinhos” não deve ser sempre o mesmo, e nem em muita quantidade de cada vez. Ele deve ser selecionado de acordo com o que a educadora deseja oportunizar ou de acordo com que capacidade deseja evolucionar. Inaugurar cada “Cantinho” é fundamental. Pode haver até coquetel, com salgadinhos e tudo o mais que faz parte de um evento assim. O registro da inauguração, com fotos ou filmagens é bem interessante!

Quando é as crianças que constróem e organizam seus próprios “Cantinhos”, elas o respeitam muito e zelam por eles. *O prazer da organização é exuberante*. Salas pequenas requerem montagens mais sistemáticas e que se substituem. Delegar quem organiza certo “Cantinho” naquele dia (ajudante do Cantinho), auxilia a manter a ordem e a fazer a rotatividade nos mesmos. Usar cartaz de pregas,

colares, planilhas, ajuda na organização. Cada criança não precisa passar por todos os “Cantinhos” disponíveis num mesmo dia, mas é preciso observar-se se elas estão procurando uma certa rotatividade nos mesmos.

E as crianças que extrapolam os limites? É difícil lidar com elas! São imprevisíveis! Castigar, no sentido de isolar, de separar, não é o melhor; a criança acostuma a ser chamada atenção. Solicitar auxílio para organizar as atividades pode ser um bom caminho: em movimento, as crianças não tem tempo de fazer peraltagens, como bater no amiguinho, mordê-lo ou puxar seus cabelos.

Atuar de maneira contrária ao que normalmente se faz; surpreendê-la, parece ser, também, uma boa solução. Extrapolar os limites é uma maneira de chamar atenção, e é isto que ela quer. Ela não é uma criança feliz, por isto provoca o que acha que torna os outros infelizes. Ela sabe que faz mal, portanto, xingar e gritar lhe passa uma mensagem que ela já sabe. Usar o oposto lhe surpreende. Se ainda está de castigo e mesmo assim faz, provoca um choque de autoridades do tipo: “ vamos ver quem manda mais?”. Nesta idade estão desfrutando da descoberta de como relacionar-se na vida. Não sabem.. Temos que ensinar-lhes. O castigo não apresenta soluções; eles vão ficando cada vez mais frequentes, mais severos e este enfrentamento radical não leva à nada. Que faremos depois? Vamos jogá-la pela janela?

O fato é que, para atuar na Escola Infantil não há receitas. É preciso que tenhamos sensibilidade para perceber o que está acontecendo, é preciso que respiremos no ritmo da respiração de cada criança, que pulsemos nosso coração pelas batidas de cada coraçãozinho. A aventura de descobrir o mundo não tem fim.

Três anos já se passaram desde aquele doce convívio dentro do útero materno. Seu útero agora é o universo! É o espaço, que se abre cada vez mais a amplos contatos; é o tempo, que coordena seus movimentos em ritmos cada vez mais autônomos; é sua “leitura do mundo”, que vai traçando uma história, vai escrevendo no livro da vida as peripécias *do ser,*

*acontecer e  
fazer...*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIAGET, Jean. O Nascimento da Inteligência na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

PIAGET, Jean. A Construção do Real na Criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

MANTOVANI de ASSIS, Orly Z. Uma Nova Metodologia de Educação Pré-Escolar. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1989.

LUPIAÑEZ, Teodosia Pavón; MANTOVANI de ASSIS, Orly Z. (organizadora). A Educação da Criança de 0 a 3 anos numa Perspectiva Piagetiana. FE/UNICAMP, 1998.